

## O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO À REGIÃO NORTE DO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Inês Ivana Freire

FEESU/FUPAC

[ivanafreire1@hotmail.com](mailto:ivanafreire1@hotmail.com)

Bill Robson Monteiro Lisboa

FEESU/FUPAC

[billrobsonmg@hotmail.com](mailto:billrobsonmg@hotmail.com)

### Resumo Expandido

Sou Inês Ivana Freire, tenho 22 anos de idade, nasci em 07 de novembro de 1994 em Santa Izabel do Pará, cidade metropolitana da região de Belém-PA. Mudei para a cidade de Tupaciguara-MG situada no Triângulo Mineiro no início do ano de 2009 com 14 anos de idade, acompanhada da minha família por motivos pessoais, fui matriculada em uma Escola da rede Estadual de Minas Gerais no 9º ano do Ensino Fundamental. Desde então eu já tinha conhecimento do que seria um preconceito, porém, para mim era mais comum o preconceito relacionado às questões raciais, até sofrer preconceito e discriminação por conta da minha origem paraense. Ouvia deboches, brincadeiras de mau gosto e gozações dos/as colegas de classe, frases muito humilhantes como, por exemplo: “na sua cidade todos/as andam nus?” e perguntas também do tipo, como: “Sua casa era feita de palafitas a beira do rio?”; “É comum jacarés na rua? Tem água encanada?”. Caracterizavam a região Norte como uma grande selva que todos/as eram índios/as, viviam nus e a população completamente sem condições financeiras. Até por certos/as professores/as eu me senti discriminada por parecer “diferente” da cultura e do modo de falar dos/as demais alunos/as daquela escola, para alguns/mas a prioridade de ensinar era para os/as nascidos/as nesta região e não para os/as de fora, como eu. Tive muita dificuldade de aprendizagem pelo sistema educacional ser tão diferente, como, as disciplinas principalmente na Matemática com cálculos extensos, o acréscimo de outras disciplinas como a Geometria e a Redação separadamente da Língua Portuguesa, eu nem fazia ideia desses conteúdos em sala de aula. Quando eu chegava a fazer perguntas para a professora de Matemática logo ela gritava comigo como se eu tivesse algum “problema” de surdez para que eu pudesse compreender a disciplina que ela ministrava, mas, eu apenas nunca tinha visto aqueles conteúdos em minha vida acadêmica, minha base educacional era completamente fraca para aqueles conteúdos ministrados por ela. Na maioria das vezes me sentia oprimida e envergonha por perguntar e tirar dúvidas e os/as meus/minhas colegas rirem do meu sotaque e das minhas dificuldades. Porém, com tantas “piadinhas” e “brincadeiras” nunca pensei em desistir dos estudos, dos meus sonhos e desejos, é comum pessoas que sofrem algum preconceito acabar desistindo de seus objetivos como, por exemplo, a continuidade dos estudos e, assim perder chances e oportunidades na vida. Em agosto do ano de 2014 dei início ao curso de Licenciatura em Pedagogia, no 2º período de curso tive a disciplina de Antropologia Cultural e Educação, onde pude compreender melhor as questões do multiculturalismo e os preconceitos sociais que contribuiu muito para meu empoderamento e enfrentamento a quaisquer formas de preconceito que vivi na educação básica fazendo-me entender que aquele tratamento recebido em sala não estava certo. Até hoje sinto um pequeno preconceito cultural por certas pessoas do meu convívio social, por ter costumes e

modos “diferentes”. Parte das pessoas hoje estão ainda classificando os/as outros/as pela sua raça, etnia, cor, classe social, origem e sexo sem buscar respeitar e conhecer os valores do ser humano. Segundo as autoras Danielle Jacon Ayres Pinto e Elany Almeida de Souza em seu artigo publicado sobre “A discriminação em relação às regiões Norte e Nordeste do Brasil, presente no discurso de ódio difundido nas mídias sociais” é apresentado pelas autoras na sua complexidade, sendo a região Nordeste do Brasil ainda mais afetada em relação à discriminação, com tratamentos muito desrespeitosos, implícitos ou travestidos de “humor”, como por exemplo, “fez baianagem”, “aquele/a paraíba” como se a população do nordeste fizessem “graça” perante a sociedade. As autoras citam também que a população das regiões Norte e Nordeste são vistos como imigrantes em busca de uma vida melhor nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Entretanto, esse conflito gera grandes polêmicas na sociedade, pois, algumas pessoas não aceitam conhecer o novo, não se permitem buscar o conhecimento de novas culturas, desvalorizam o Norte e o Nordeste, regiões que carregam um grande potencial e importância na economia e na cultura brasileira. Em 1988 foi homologada a Constituição da República Federativa do Brasil, que em seu artigo 5º diz “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”. Portanto, na sala de aula é papel do/a professor/a quebrar com qualquer tipo de preconceito, seja ele, étnico-racial, de portadores de deficiência, de gênero, orientação sexual, territorial e econômica, assim mostrar as diversidades do mundo aos/as alunos/as, em forma de debates, rodas de conversa, aulas expositivas e dentre outras maneiras para favorecer a construção de identidade e de opiniões dos/as alunos/as, sendo estes/as, cidadãos/ãs críticos/as e desprovidos/as de preconceitos. Antônia Vitória Soares Aranha (2009) cita a obra de Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau sobre o multiculturalismo e ressalta que “(...) discutir como, na escola, o multiculturalismo pode influenciar e direcionar as práticas pedagógicas, além de ser uma questão atual, é de enorme relevância”. Percebemos durante a realização desta pesquisa que torna-se imprescindível o respeito às diferentes culturas sejam elas relacionadas as questões de gênero, raça, sexualidade, religiosidade dentre outras. O objetivo é proporcionar dentro e fora da escola à compreensão dessa diversidade cultural na construção da identidade de um/a cidadão/ã inserido/a em uma sociedade multicultural. Neste relato salientamos que nenhuma pessoa por qualquer que seja sua cultura, deva sofrer de algum modo qualquer manifestação de preconceito. Estas divisões sociais devem chamar a atenção não só da sociedade como também das políticas internas do governo para que se mobilizem buscando reformas que combatam a xenofobia e os demais preconceitos na construção de uma cultura pautada no respeito das diferentes culturas e suas manifestações no espaço da escola e da sociedade.

**Palavras-Chave:** Discriminação; Educação; Preconceito.

#### **Referências:**

ARANHA, Antônia Vitória Soares. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. **Presença Pedagógica**. v. 15, n. 86, mar/abr. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.

PINTO, Danielle Jacon Ayres; SOUZA, Elany Almeida de Souza. **A discriminação em relação às regiões norte e nordeste do Brasil, presente no discurso de ódio difundido nas mídias sociais.**

<<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=37e9b839eeb8b2d3>> Acesso realizado em 11/09/2017.